

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC  
Departamento de Artes e Libras  
Curso de Graduação de Artes Cênicas  
Gisele Aparecida Farias

**Memorial de construção do número de Stand Up Comedy**

**Por que eu não sou magra!**

Florianópolis

2015

**Gisele Aparecida Farias**

**Memorial de construção do número de Stand Up Comedy**

**Por que eu não sou magra!**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de bacharel.

**Orientadores: Prof. Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Souza Moretti e  
Prof. Dr. Fabio Salvatti**

Florianópolis  
2015

**Gisele Aparecida Farias**

**Memorial de construção de um número de Stand Up Comedy**

**Por que eu não sou magra?**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 16 de março de 2015

---

Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**

---

Profª. Drª Maria de Fátima Souza Moretti - Orientadora  
UFSC

---

Luiz Gustavo Bierberbach Engroff-Examinador  
UFSC

---

Profª. Priscila Genara Padilha - Examinadora  
UFSC

## **AGRADECIMENTOS**

Aos Professores: Fábio Salvatti e Maria de Fátima Souza Moretti pela orientação.

Às minhas duas Marias, que são a fonte inspiradora do meu humor, minha mãe, Maria de Lourdes Machado Farias e minha filha, Maria Victória de França.

E a Deus, que me deu força para enfrentar as batalhas, durante os quatro anos de graduação.

*“Se coloque de frente com a plateia  
Mesmo que ela não ria...  
Não tem problema  
Apenas faça”.*

*(Chico Anysio)*

## RESUMO

Este trabalho pretende expor a história do stand up desde seu surgimento até sua consolidação no Brasil, analisando sua linguagem a partir da estrutura apresentada e as ferramentas necessárias para a construção do texto humorístico. Para tanto, neste trabalho descreve-se técnicas e exercícios utilizados na elaboração e construção do texto, além de contar a experiência da apresentação de um show cômico.

**Palavras chaves:** Humor. Stand up comedy.

## **ABSTRACT**

This paper aims to expose the history of stand up since its inception until its consolidation in Brazil, analyzing its language from the structure presented and the tools necessary to build the humorous text. Therefore, this paper describes techniques and exercises used in the design and construction of the text, in addition to the experience of presenting a comic show.

**Keywords:** Humor. Stand up comedy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CONTEXTO INTERNACIONAL E NACIONAL .....</b>	<b>12</b>
2.1 STAND UP NO BRASIL .....	15
<b>3 LINGUAGEM DO STAND UP.....</b>	<b>18</b>
3.1 LABORATÓRIO DE STAND UP .....	21
3.2 CONVERSAS CONSTRUTIVAS .....	24
<b>4 CRIANDO UM NÚMERO .....</b>	<b>26</b>
4.1 TÉCNICAS PARA DESENVOLVIMENTO CÔMICO.....	27
4.2 FORMAS DE DISTORÇÕES CÔMICAS E FIGURAS DA COMÉDIA .....	30
4.3 TEXTO DE STAND UP COMEDY .....	33
4.4 ESCOLHA DO TEMA .....	34
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este memorial tem a pretensão de descrever o processo criativo, através de uma pesquisa cujo resultado é um texto de *Stand Up Comedy*, que denominei “Por que não sou magra”. A partir das pesquisas percebi que temas como: preconceito, política, direitos humanos e cultura, podem ser compartilhados de forma cômica, possibilitando ao humorista uma análise das situações do cotidiano, onde são extraídos elementos para a construção de uma piada. Considerando que o humor é uma expressão popular da cultura brasileira, pude observar a forte ligação da comédia e o grande público. O stand up vem conquistando plateias, principalmente, com a popularização de sites como You tube, que exhibe vídeos de humoristas conhecidos ou não. Outro diferencial do stand up é a pré-disposição do público para recepção da obra, devido sua linguagem de fácil identificação.

Segundo o comediante Bruno Motta:

A identificação do público com a realidade descrita é uma das poderosas armas que tornaram esse gênero um fenômeno. O público se vê e se ouve no palco, e ri de si mesmo, com o humorista. Que fala justamente de fatos verídicos e comenta o cotidiano. Com todos se lembrando de momentos que passaram por aquela situação. Por esses e outros motivos o tal *stand up* cresceu tanto. (MOTTA, 2014) in Paiva, 2014, p. 48.

O humor do stand up é ruptura de padrões, estabelecidos pela sociedade que se transforma todos os dias. A risada surge, a partir do momento, que há ações inesperadas ou não, interrompendo uma situação previsível, que deve ser a mais distante da realidade. Pode-se dizer que este gênero tem como objetivo fugir do lugar comum de se pensar e fazer teatro. Este tipo de comédia pretende estabelecer uma análise da cultura através da comédia.

Houve um interesse muito grande por esta nova linguagem, surgindo, assim, a oportunidade de realizar um trabalho cômico que depende apenas de uma pessoa, que possui um material de sua própria autoria, organizado em tópicos e que é apresentado por uma pessoa em pé com um microfone e nada mais. Bruno Motta ainda acrescenta:

Que hoje o espectador sai de casa para assistir a um grande nome, mas para ir a uma noite de comédia onde vários comediantes se apresentam. Sem saber quem são, o espectador se dá várias chances num show de se divertir com os vários estilos e materiais apresentados, assim em um único show as pessoas mais diferentes voltam pra casa satisfeitas com o que viram. (PAIVA. 2014, p. 48).

Atualmente, a comédia é considerada um dos gêneros mais populares do Brasil, foi a partir da comédia que surgiram outros subgêneros como a chanchada e a comédia erótica. Mas o sucesso de plateia não significa sinônimo de qualidade artística ou prestígio autoral.

O capítulo um tem como objetivo apresentar o conceito do stand up comedy regatando sua história cultural desde seu surgimento com o inglês Phillip Astley, na Inglaterra em 1770, no Astley Royal Amphitheatre. A partir do surgimento das grandes figuras do rádio, na primeira metade do século XX, o stand up foi se expandindo pelos Estados Unidos, porém foi apenas em meados dos anos 50, que o stand up transformou-se em seu formato atual, deixando de ser piadas curtas e tornado-se em texto mais elaborados.

Para Guto Paiva:

As raízes do stand up está no *vaudeville*, o teatro de revista e nos monólogos de humoristas, do teatro dos grandes centros urbanos na América. Onde os comediantes eram vistos como meros contadores de piadas que esquentavam a plateia com um número de abertura ou mantinham o público entretido durante os intervalos. Os pais da comédia stand up eram os mestres de cerimônia, como eram chamados na época de ouro do rádio, Jack Benny, Fred Allen e Bob Hoe, que vieram do Vaudeville e geralmente abriam seus programas com monólogos ou números cômicos. (PAIVA, 2014, p. 41).

A partir dos anos 1960, o “One Man Show”<sup>1</sup>, introduzido no Brasil por José Vasconcelos, em sequência por Chico Anysio e Jô Soares, foi utilizado para finalizar seus shows de humor. O stand up chegou no Brasil, sutilmente, em 2004, desde então vários comediantes organizam-se em grupos. Léo Lins descreve:

O princípio da comédia stand-up no Brasil pode se chamado de “A Era dos Grupos”. O processo de formação de um grupo era padrão e meio ao caos, indivíduos interessados em fazer as pessoas rirem se reuniam como moléculas ao redor de um átomo. (LINS, 2014, p. 216).

Em 2005, surgiram vários grupos de stand up pelo Brasil e, em 2008, a televisão dá oportunidade e passa a apostar neste novo gênero.

No capítulo dois, será ressaltado o discurso referente à linguagem do stand up através da análise cultural da sociedade de forma cômica, exprimindo uma forma de expor seus pontos de vistas do comediante criativo, tal qual pretende elaborar um número. Logo após, discorre-se sobre a disciplina de laboratório de stand up, proporcionando a aproximação e os primeiros estudos sobre o gênero cômico, onde se iniciou a investigação deste novo gênero. A disciplina ministrada pelo professor Fábio Salvatti foi composta por exercícios, produção de textos, atividades artísticas e apresentações no bar CSC (Centro Social da Cerveja), localizado no bairro da Carvoeira, próximo a UFSC. Ainda, apresentaram-se relatos de experiências ao realizar números de stand up, recepção do público, vícios de comediantes e uma análise do

---

<sup>1</sup>Show de humor semelhante a stand up, porém que permitem músicas, personagens, figurino e imitações.

desenvolvimento dos tópicos apresentados. Fez parte dos exercícios de aula, a entrevista com Milena Morais e Daniel Olivetto. Eles partilham um grupo chamado “Teatro de Quinta”, cuja aproximação com a comédia existe há muito tempo, sendo os primeiros atores a realizarem apresentações de stand up na região da grande Florianópolis. Onde os humoristas descreveram como ocorreu o processo de criação de um número de stand up e de onde vem sua criatividade.

O capítulo três enfocará na apresentação da estrutura do stand up, gênero formado por *Bits*<sup>2</sup>, composto por uma premissa, *setup*<sup>3</sup> e *punchs*<sup>4</sup>, como é realizada a escolha da premissa, como se dá o desenvolvimento do bits e, por fim, as técnicas disponíveis no livro de Lins, Segredos da Comédia Stand up, de onde foram relacionadas as categorias de atitudes, de ponto de vista, associação, senso comum, as formas de distorção cômica e figuras de linguagem. Em seguida, o texto do número *Por que Não Sou Magra?*, produzido com base nas pesquisas deste memorial e os motivos da escolha dos temas sobre obesidade e etnias, a partir do meu ponto de vista de uma visão cultural da sociedade. Os temas foram escolhidos pelo desejo de falar sobre as vantagens de ser afrodescendente e não apenas nas desvantagens.

---

<sup>2</sup>A tradução literal de *bit* é pedaço. Como se trata de um jargão da linguagem stand up nos Estados Unidos, foi mantido o termo em inglês.

<sup>3</sup>Jargão da linguagem stand up que transmite a informação necessária para viabilizar o Punch.

<sup>4</sup> Assim como *bit*, o *punch* é jargão da linguagem stand up, às vezes referido como *punchline*. A tradução literal é soco, ou seja, é aquela frase que atinge o espectador, provocando o riso.

## 2 CONTEXTO INTERNACIONAL E NACIONAL

*Stand up comedy* é um termo de língua inglesa que designa um espetáculo de humor executado por apenas um comediante, que se apresenta geralmente em pé, ou seja, *stand up*. O gênero caracteriza-se principalmente pelo fato do comediante subir ao palco apenas com microfone e nada mais. O humorista apresenta um número de sua própria autoria, sem acessórios, cenário, caracterização, personagem ou o recurso teatral da quarta parede. Por isso, é também chamado de humor de cara limpa. Para o humorista e roteirista Léo Lins:

Hoje em dia há pessoas achando que o fato de estar sozinho no palco armado apenas do tal microfone é stand-up. Acho que é por isso que usam o termo armado, porque muitos aspirantes a comediante fazem o público querer morrer ao assisti-los. O cara entra todo fantasiado, só falando pornografias e pensa que é stand up, afinal de contas está só ele e o microfone. Um outro entra pra contar piadas de papagaio adaptadas para primeira pessoa e pensa que é stand-up, um outro entra fazendo malabarismo com o microfone e o pedestal e pensa que é stand-up. A coisa não é por aí. (LINS, 2012, p.13)

O Stand up é um gênero que requer habilidades específicas, que serão abordados no decorrer dos capítulos. O indicado é que o comediante possua um material próprio que compõe a dramaturgia, com uma metodologia particular de organização, em tópicos, sendo bastante factual e permitindo ao humorista expor suas opiniões sobre determinado assunto. De acordo com as pesquisas realizadas pelo humorista Léo Lins e publicadas em seu livro, “Notas de Um Comediante Stand up”(2012), o gênero teve sua origem com o inglês Phillip Astley, na Inglaterra em 1770, no Astley Royal Amphitheatre, considerado o primeiro circo do mundo. Guto Paiva, afirma que:

As raízes do stand up está no vaudeville, o teatro de revista e nos monólogos de humoristas, do teatro dos grandes centros urbanos na América. Onde os comediantes eram vistos como meros contadores de piadas que esquentavam a plateia com um número de abertura, ou mantinham o público entretido durante os intervalos. (PAIVA, 2014, P.41)

Na primeira metade do século XX, grandes figuras do rádio foram consideradas precursores da comédia stand up. Na época de ouro do rádio, Mestres de Cerimônia como Bob Hope abriam seus programas fazendo piadas com temas do seu cotidiano. Porém, o stand up comedy só atingiu sua forma atual em meados dos anos 50, quando deixou de ser

composto por piadas curtas e se transformou em apresentação que discursavam comicamente, sobre temas políticos, sociais e sexuais. No momento da consolidação do stand up, surge o polêmico Lenny Bruce, considerado um dos humoristas que mais desafiavam o limite da fala, por abusar de obscenidades, defender a liberdade de expressão, e por conter em suas apresentações palavrões, ofensas a pessoas famosas, públicas, governantes e políticos.

Na década de 70, o stand up teve um grande crescimento nos Estados Unidos, onde foram lançados comediantes como George Carlin, Richard Pryor, Bill Cosby, Robert Klein e Steve Martin, que alcançaram sucesso em comédias cinematográficas. O grande crescimento do estilo de humor e a massificação nos EUA se deram em meados dos anos 80, quando houve um *boom* do stand up e praticamente toda cidade tinha um “Comedy Club”. Nesta década, surgiram grandes nomes como Robin Williams, Eddie Murphy, Jerry Seinfeld, Sam Kinison, Bill Cristal, Jim Carrey, Chris Rock e muitos outros.

Inspirado por esta trajetória internacional, um tipo de humor aparentado ao stand up, foi introduzido no Brasil a partir dos anos 1960 e que ficou conhecido como “One Man Show”. Ainda que guarde semelhanças com o stand up atual, o One Man Show permite outras possibilidades cênicas, como números musicais, imitações, personagens, etc. O precursor deste tipo de humor no Brasil foi José Vasconcelos, seguido por nomes como Chico Anysio e Jô Soares, que além de seus shows de palco tiveram programas humorísticos próprios.

Em termos de televisão e cinema, além dos humoristas citados a cima, a comédia brasileira contou com personagens e grupos que contribuíram para o humor como Mazzaropi, Os Trapalhões, Tv Pirata, Casseta & Planeta, entre outros. O início da televisão brasileira ocorreu no ano de 1950, e programas humorísticos já estavam presentes. “Rancho Alegre”, transmitido pela TV Tupi, era uma adaptação de um programa de rádio de Mazzaropi. Ele havia começado sua carreira no teatro, na década de 30 e, no rádio, no final dos anos 40. A partir dos anos 50, passou a atuar em televisão e, sobretudo, cinema. Com seu personagem caipira, Mazzaropi arrastou multidões para o cinema brasileiro. Sua carreira de vinte e oito anos no cinema, é formada por trinta e dois filmes, sendo responsável por produzir e dirigir a grande maioria. Ele teve o privilégio de ser o diretor-produtor melhor recompensado na linha de filmes populares, até aparecer a concorrência do quarteto “Os Trapalhões”, com quem se obrigou a dividir os lucros do circuito Art-Palácio<sup>5</sup>.

A formação clássica dos Trapalhões (Didi, Dedé, Mussum e Zacarias) estreou na televisão em meados dos anos 70 e durou até a morte de Zacarias, em 1990. Devido sua popularidade mundial foram campeões de audiência no Brasil, com trinta anos de exibição, e

---

<sup>5</sup>Foi uma das primeiras salas para exibição de cinema na Avenida São João, em São Paulo.

entraram para o Guinness de Recordes Mundiais, como o programa humorístico com maior duração na televisão. A filmografia dos Trapalhões é vasta, com diversos títulos entre 1965 e 1999.

Chico Anysio iniciou sua carreira em 1947, também, no rádio. Suas qualidades nas áreas de atuação, direção, roteirista e outras funções, o levaram a uma trajetória televisiva. Trabalhou na TV Tupi e na Record, até 1968, quando desistiu da televisão e passou a investir nos shows de comédia, no teatro. Retornou à televisão em 1969, para a Rede Globo, na qual permaneceu até sua morte, em 2012.

Já, José Eugênio Soares, mais conhecido como Jô Soares, apresentava desde jovem uma identificação com a comédia, que veio a ser sua principal ocupação como ator, escritor, diretor e produtor. Construiu carreira na TV (Record, Globo e SBT), no cinema, no teatro e na literatura. Interpretou muitos personagens marcantes, como Capitão Gay, Bô Francineide, Irmão Carmelo, Gardelon, Norminha, entre outros. Nos últimos 14 anos, apresenta o “talk-show” Programa do Jô, um dos mais conhecidos programas de entrevistas da televisão brasileira. Seu programa é marcado por seu estilo descontraído, sofisticado, com sua gravata borboleta e com a presença de sua banda musical (Sexteto). O programa permite a apresentação de suas performances com piadas, conversa com a plateia e com cantores, personalidades famosas e bandas convidadas.

O programa humorístico TV Pirata foi transmitido pela Rede Globo de 1988 a 1990. Criado por Guel Arraes e pelo roteirista Cláudio Paiva, foi inspirado em programas como *Saturday Night live*, dos Estados Unidos, *Monty Python Flying Circus*, da Inglaterra e do filme *Amazon Women on The Moon*. Suas características baseavam-se no nonsense e na sátira. Era estruturado por esquetes, seguidos por episódios aleatórios, fixos ou não. Aos poucos os temas como celebridades, novelas, política, futebol foram introduzidos em seus esquetes. TV Pirata era formada por atores como Cláudia Raia, Diogo Vilela, Regina Casé, Débora Bloch, Marco Nanini, Ney Latorraca, Luiz Fernando Guimarães, Guilherme Karam, Christina Pereira e outros que mais tarde se consagraram na comédia brasileira. Seus quadros mais famosos foram “Fogo no Rabo”, “TV Macho” e “Casal Telejornal”. Sua forma de fazer humor quebrou barreiras consideráveis para a comédia brasileira, criando personagens que serviram como modelos para diversos humoristas.

Com a junção de alguns integrantes da *Revista Casseta Popular* e do *Jornal Planeta Diário*, nasceu o Casseta & Planeta (mais tarde, Casseta & Planeta Urgente), programa de humor transmitido pela Rede Globo a partir de 1992, nas noites de terça-feira. Sua equipe foi formada por Bussunda (falecido em 2006), Marcelo Madureira, Hélio de la Peña, Cláudio

Manoel, Reinaldo, Hubert, Beto Silva e Maria Paula (que em 2004 deu lugar para Kátia Maranhão). O *Casseta & Planeta Urgente* possuía características semelhantes à *TV Pirata*, porém, com uma roupagem mais atualizada, utilizando reportagens de rua com transeuntes, além de esquetes e imitações. Seus quadros abordavam temas sobre futebol, política, celebridades, novelas e cultura. Nada escapava aos olhos de seus redatores que escreviam seus próprios textos originais, cômicos e, em sua maioria, sarcásticos. Em 2010, o programa de humor chegou ao fim. O grupo deixou de ter um programa próprio durante um ano, retornou em 2012, com o programa renomeado *Casseta & Planeta Vai Fundo*, sendo dirigido pelos próprios seis cassetas e com um novo formato, com a ausência dos bordões e linguagem da paródia. O *Casseta & Planeta Vai Fundo* durou apenas duas temporadas.

Esta popularização da comédia no Brasil (através do teatro, do cinema e da televisão) criou demanda para a introdução da linguagem do stand up em nosso país.

## 2.1 STAND UP NO BRASIL

A consolidação do stand-up no Brasil deu-se, discretamente, segundo Guto Paiva:

Os humoristas Diogo Portugal e Bruno Motta já estavam consagrados por suas apresentações no Prêmio Multishow do Humor Brasileiro, em 1996 e 1998, respectivamente. Os dois atuavam em cenas locais distintas. Diogo Portugal no Paraná e Bruno Motta em Minas Gerais, enquanto um novo talento fazia sucesso no Rio de Janeiro, Fernando Ceylão. Os três artistas, no entanto, se uniram no espetáculo *Risorama*, criação de Diogo Portugal inserido no Festival de Teatro de Curitiba a partir de 2003, apresentado por Nany People. (PAIVA, 2014, p. 44).

O *Risorama* é um festival, que desde seu início, lançou novos humoristas que se destacam na comédia Stand Up. O *Risorama* foi o propulsor das carreiras de nomes como Fábio Porchat, Fernando Caruso, Rafael Cortez, Marco Luque, Rafinha Bastos, Fábio Silvestre, Lúcio Mauro Filho (o Tuco da série global “*A Grande Família*”), Luiz Miranda (de “*Sob Nova Direção*”), além do próprio Diogo Portugal.

Em 2004, Bruno Motta apresentou números de stand up em São Paulo, nos quais Marcela Leal também participava. Logo, a eles se reuniram Rafinha Bastos, Simone de Lucia, Márcio Ribeiro e Adriano Assis, através de uma comunidade no Orkut. A partir de suas discussões e por meio desta rede social, todos passaram a participar do espetáculo criado por Marcelo Mansfield, “*Mondo Canne*”. (PAIVA, 2014, p. 47). Próximo a este período foi criado o Clube da Comédia, onde diversos comediantes passaram a se apresentar em espetáculos de stand up.

Em seguida, surgiu *Comédia em Pé*, que foi o primeiro grupo de comediantes stand up comedy no Brasil, criado em 2005, no Rio de Janeiro. Formado por Claudio Torres Gonzaga,

Smigol, Victor Sarro, Veronica Debom e Fernando Caruzo, o grupo Comédia em Pé foi o primeiro a realizar um espetáculo de grande porte no Canecão Petrobras, em 2008, e também o primeiro grupo a lançar um DVD do gênero stand up no Brasil.

Já em São Paulo nasceu Comédia Ao Vivo, na região do ABC Paulista, em 2006. Seis meses após seu surgimento, o grupo instalou-se no Bar Ao Vivo. Era formado pelos comediantes Dani Calabesa, Marcelo Ribeiro, Danilo Gentili, Fabio Rabin e Luiz França. Marcelo Adnet entrou para compor o grupo em 2008. O Comédia Ao Vivo adquiriu fama, o que resultou em diversos convites para apresentações no Brasil. Seus espetáculos foram seguidos de significativa repercussão para o gênero do stand up comedy. Robson Neves e Luiz França se organizaram em Belo Horizonte, e criaram o Tosterona. O espetáculo do grupo era dividido com uma primeira parte de apresentações de números de stand up e personagens cômicos na segunda parte. Segundo Léo Lins, em seu livro *Segredo da Comédia Stand Up*, a partir deste momento:

Inúmeros grupos foram criados: Comédia em Pé (RJ), Clube da Comédia Stand-up (SP), Santa Comédia (PR), Comédia ao Vivo (SP), As Comédias de Todos Nós (SP), Sindicato da Comédia (RJ), Comédia às 11 (RJ), Comédia Carioca (RJ), Em Pé na Rede (PA), Tipê da Comédia (PE)... E mais: Estação Stand up, Sushi com Comédia, Comédia na Grelha, C.D.F. Comédia de Faculdade, Divina Comédia, Humor de Salto, Humor de Quinta... Esse momento histórico perdurou cerca de sete anos, de 2005 a 2011. (LINS, 2014, p. 216).

A partir de 2008, as emissoras de televisão brasileira apostaram no stand-up, com os programas na Rede Globo *Altas Horas*, *Domingão do Faustão* (no quadro “*Quem Chega Lá*”), *Programa do Jô* (no quadro “*Humor da caneca*”, que durou dois anos), *Encontro com Fátima Bernardes*. O programa de Ana Hickmann, na Record, realizou um concurso de stand up. O programa *CQC*, na Bandeirantes, contratou humoristas stand up como Rafinha Bastos, Danilo Gentili, Oscar Filho e outros. Lins descreve que:

Com o crescimento do stand-up, diversos programas de várias emissoras de TV organizaram concursos exclusivamente de stand-up, outros englobando personagens, contadores de piada, improviso. Empresários e artistas também abriram o olho para os novos talentos, foi o caso do Risadaria, um dos maiores eventos de humor da América Latina, que também organizou um campeonato de stand-up. (LINS, 2014, p. 183).

O interesse televisivo sobre o stand up fez com que a era dos grupos de comédia dessem lugar a apresentações solo.

O gênero stand up cresce a cada dia, pois este fato é devido ao auxílio da internet e da televisão, que são as maiores divulgadoras de diversos humoristas que querem ingressar na carreira do humor, sendo eles profissionais ou não. Muitas pessoas consideram o stand up “fácil”, mas se enganam, pois para ser um bom comediante é necessário muita técnica e

tempo para adquirir experiência. Não resta dúvidas que desde sua introdução no Brasil o stand up vem evoluindo a cada dia. Muitos bares, teatros e festivais estão dando a oportunidade para o surgimento de novos humoristas. Porém, a quantidade de humoristas não se converte necessariamente em qualidade. Acredito que apenas os humoristas que se mantiverem dispostos à constante busca de sempre criar e inovar seus textos é que permanecerão na comédia stand up.

### **3 LINGUAGEM DO STAND UP COMEDY**

O gênero stand up chamou minha atenção por depender apenas de uma pessoa que cria o seu texto, a partir de sua visão sobre o mundo. Foi assistindo a algumas apresentações de stand up e participando da disciplina de *Laboratório de stand up* que resolvi me aprofundar neste tipo de humor, inspirada pelo desafio de criar, roteirizar, dirigir e ainda interpretar minhas próprias apresentações. Como os textos de stand up são totalmente originais, ainda que haja recursos recorrentes de escrita, não há uma receita para construção do texto. Cada humorista parte de um ponto de vista particular, e faz com que a sua criatividade o conduza para diferentes direções. O stand up apresenta uma análise da sociedade e a examina sob o véu da comicidade. Para possuir sentido, ou graça, o humor tem que estar vinculado a um contexto cultural, social e específico. O número pode ser uma forma de abordar temas polêmicos de uma maneira que exteriorize as situações sobre as quais as pessoas sentem vergonha de falar abertamente. Este humor não é apenas um estado de espírito, mas uma visão de mundo.

O humorista de stand up deve ter a capacidade de esquematizar os acontecimentos sociais de uma forma analítica para que estes estejam presentes em seu número, é audacioso, porque foge da explicação óbvia da realidade e imprime uma visão particular, às vezes, absurda, da sua existência. Tentar entender a existência em si pelo absurdo, ou confeccionar teorias desprovidas de sentido aparente para sustentar uma explicação além do observável são marcas que me atraem particularmente no stand up.

Não existe a pretensão de dar cabo do real, mas as observações cômicas têm a função de abrir caminhos para o entendimento de algo, muitas vezes, ininteligível, mesmo para um observador social atento. Talvez um entendimento do ser, através do inesperado, seja o melhor que o humor possa oferecer, retratando e questionando a existência e a sociedade de uma forma cômica.

Neste sentido, tenho observado o stand up como um gênero que proporciona uma análise da sociedade e da cultura através da comicidade. O comediante frequentemente aborda temas que causam inquietação ou desconforto. Em seu livro, Lins afirma que o discurso contido na comédia stand up “distorce levemente a realidade, mas às vezes, simplesmente falar a verdade é o suficiente, desde que o público se identifique”. (LINS, 2012, p. 33). Nesse livro é exposto as etapas de um processo criativo, desde a coleta do “material”, ou seja, a observação do cotidiano, à construção da comicidade, dificuldades e a recepção do público. O esforço desse e de outros livros feitos sobre o humor *stand up* e pelo humor *stand up*, reafirma a tese de que esse gênero rompe com o simplista, burlesco e ridículo, buscando uma análise social sofisticada que encontra na comicidade sua forma de difusão.

Pedro Arantes declara em seu documentário “*O Riso Dos Outros*” (2012, p.3 ) que:

O humor, seja qual for o seu objeto, não se explica apenas pela capacidade individual de criação. Seu fundamento são os valores compartilhados socialmente. O humorista não é um indivíduo isolado, mas um ser social cujo discurso tem raízes na sociedade. Nem o número cômico nem o riso ocorrem no vácuo, seus alicerces são culturais, sociais, políticos e ideológicos. Quem fala, fala de alguma coisa endereçada a alguém. Quem ri também o faz conscientemente, e ao fazê-lo reforça a mensagem. Neste sentido, nem a fala nem o riso são naturais. O fundamento é social e para que esta distorção cômica venha com naturalidade é necessário muita prática e dedicação.

Frederico Fonseca Soares recorre ao Guia dos Curiosos, conhecido site de informações aleatórias para justificar a existência do riso:

O riso é um produto exclusivo do ser humano, fruto de suas produções simbólicas e intelectuais. A risada é resultante da inteligência humana e do contexto social que se insere e não um fenômeno biológico. As risadas são reações comportamentais que envolvem componentes emocionais e cognitivos (relacionados à inteligência). Diante de determinados estímulos, algumas áreas do cérebro entendem as situações como engraçadas e uma resposta motora é desencadeada. Para que ela aconteça, contraem-se o diafragma, a glote e parte da musculatura facial. (SOARES, 2013, p. 489).

Para além do stand up, a comédia em geral mantém vivo seu vínculo com o público. Lidando com situações, ações e figuras risíveis, a comédia provoca, de imediato, a prazerosa disponibilidade do espectador. É mais fácil para o público dominar o enredo que a comédia apresenta. Ivo C. Bender descreve que o cômico foi percebido por Aristóteles como um engano, algo irracional, uma imitação de homens de caráter baixo e que a ausência de uma motivação maior nos estudos acadêmicos sobre a comédia se deve à falta de materiais auxiliares para uma pesquisa eficaz. Por analogia, são as afirmações de Aristóteles referentes à tragédia que servem como referência para comentar e analisar os elementos da comédia. (BENDER, 1996, p. 47). Bender parece indicar que o humor, aparentemente, não está no hall dos objetos mais estudados pelas academias, desde a Antiguidade Clássica. Isso talvez tenha

acontecido pelo fato que pouco tenha sido produzido sobre o cômico, ao contrário do trágico e do dramático, uma vasta literatura voltada para sua parte teórica.

Léo Lins e Fernando Caruso descrevem em seus respectivos livros *Notas de um comediante* e *Comédia em pé*, a estrutura desse gênero, apresentando habilidades específicas que fazem parte de uma apresentação. As fontes destes autores são a bibliografia em língua inglesa, mais volumosa do que a produzida em português. Eles partem de obras como a de Judy Carter (*The comedy bible*), que descreve exercícios para começar a construção de um texto de humor. Nesses exercícios, Carter orienta a fazer uma lista de coisas potencialmente risíveis no comediante (características evidentes para a plateia - físicas ou de comportamento), indica as entonações de voz que proporcionam o melhor entendimento da intenção da fala. Carter formula exercícios de apresentação do “ponto de vista” do comediante, a fim de fazer a distorção cômica que leva imediatamente ao riso.

Lins recorre a Robert Plutchik, autor que descreve oito emoções básicas que podem ser exercitadas na construção de um número de humor: alegria, indiferença, medo, surpresa, tristeza, revolta, raiva e expectativa. Através dessas emoções, fica evidente para o comediante a escolha do sentimento que quer passar para a plateia, bem como o objetivo do texto e seu ponto de vista perante uma situação do cotidiano. Com isso, por meio de um recurso emocional, o comediante estabelece uma relação de identificação com a plateia.

Sempre gostei da linguagem da comédia e diversas pessoas dizem que sou muito engraçada. Antes mesmo de iniciar o curso de Artes Cênicas, todas as cenas que eu fazia eram direcionadas para o cômico. Acreditei que esta tendência cômica me ajudaria no stand up, mas não foi bem assim. Nas primeiras aulas do *laboratório de stand up*, surgiu uma nova visão para o que realmente é o stand up. Minha visão anterior era a de que bastavam apenas comediantes que se apresentassem em um palco com roupas comuns e relatassem seus pontos de vista sobre um determinado assunto. No entanto, quando tive que construir meu próprio número, senti muita dificuldade em escolher uma premissa, isto é, um ponto de partida sobre o qual lançaria uma distorção cômica, desenvolvê-la (através do chamado “setup”<sup>6</sup>) e chegar a uma conclusão com risos (a chamada “punch line”<sup>7</sup>). Foi assistindo e observando alguns humoristas como Jerry Seinfeld, Chris Rock e George Carlin, que se apresentam com *bits*<sup>8</sup> bem estruturados, que pude perceber a ordenação de um número de stand up.

<sup>6</sup>É um jargão da linguagem stand up que corresponde ao desenvolvimento de uma premissa e sua condução até o momento do riso.

<sup>7</sup> É o auge da comicidade, cuja tradução literal seria “frase-soco”, ou seja, aquela que atinge e dispara o riso da plateia. Pode ser uma frase, palavra ou gesto.

<sup>8</sup>O número é composto por vários bits, ou pedaços, que duram entre 5 e 10 minutos. Cada bit é composto por uma premissa diferente.

Em um dos debates da disciplina concluí que a formação de repertório é fundamental para um bom número de stand up. Por este motivo, abordei temas bem particulares, que faziam parte do meu dia a dia, como pegar ônibus, ser negra, morar longe da faculdade, observar preconceitos e o fato de estar acima do peso. A partir destes temas, passei a construção do texto.

### 3.1 O LABORATÓRIO DE STAND UP

A disciplina de laboratório de stand up foi dividida em duas partes distintas. A primeira era formada por exercícios de concentração, que se baseavam no jogo de palavras. Os alunos posicionavam-se em um círculo, onde o primeiro dizia uma palavra qualquer, por exemplo, caneta; o próximo aluno, que se encontrava em sentido horário, tinha que dizer o que a palavra “caneta” o lembrava, por exemplo, “a palavra caneta lembra papel”. O terceiro aluno falava “papel lembra tesoura”, e assim sucessivamente. A primeira parte do jogo só acaba quando todos os alunos já tinham falado uma palavra. Logo, o jogo prosseguia em sentido anti-horário e cada aluno precisava falar as palavras que foram mencionadas, como tesoura lembra papel, papel lembra caneta e assim sucessivamente. Neste exercício, não há uma plateia formada, todos os alunos estão no jogo.

Além destes, foram outros exercícios que serviam para concentração. Os jogos eram compostos por elementos que auxiliavam a conexão de um bit para outro, com a utilização de palavras.

Na segunda parte, assistimos a vídeos de comediantes já consagrados no stand up como George Carlin, Chris Rock, Louis CK, Ricky Gervais, Jerry Seinfeld e outros. Após as sessões de vídeos, iniciamos um processo de análise dos temas abordados, premissas, características, estilos e performance no palco. Cada humorista possui características em particular, uma forma própria de abordar seus temas. Por exemplo, Chris Rock, com seu estilo despojado, traje social, americanizado, sempre utilizava temas associados à discriminação racial, usando em seu discurso uma linguagem informal, “popular”. Em um de seus números, Rock utiliza a técnica da comparação, relacionando as diferenças sociais do homem branco e do negro, mostrando de forma cômica de que modo as desigualdades relacionadas à etnia são construídas. Observei que a maior parte de sua plateia era composta por negros. Já George Carlin, possui uma postura mais séria, seu número requer um pouco mais de requinte. Nem por isso menos engraçado, também, utilizou em seu número a técnica da comparação. Comparava religião com relacionamentos. Uma das características de Carlin é elaborar o texto com jogos de palavras bem elaborados, onde cada palavra tem que ser dita no momento certo para causar a distorção cômica. Ambos humoristas, usaram a comparação para desenvolver

seus números. Para Lins a comparação é uma excelente forma de transmitir uma ideia. Ao colocar duas coisas ou mais lado a lado, você estabelece um parâmetro e torna sua opinião mais clara. (LINS. 2014, p. 80).

Após um período de debates referentes aos vídeos, fomos para outro segmento que era da escolha da premissa. Cada aluno precisava de uma premissa para desenvolver o texto de stand up comedy. Iniciamos o desenvolvimento dos tópicos, acompanhados dos exercícios de concentração, ponto de vista e criatividade. Em seguida, realizamos o exercício de palco e plateia, onde cada aluno apresentava o seu número para os colegas. Este exercício tinha o objetivo de auxiliar o humorista a se comportar em cena e adquirir algumas habilidades, e contribuiu para manutenção da postura em cena no momento das apresentações.

O “Show de falta de talento” foi uma das avaliações realizadas na disciplina de Laboratório de Stand Up. Cada aluno comediante tinha que realizar um número, demonstrando alguma falta de habilidade que possuía. Eu apresentei um número de malabarismo com chapéu, fazendo o personagem Zé Cabeleira. Eu, particularmente, me senti incomodada como humorista. Assistir aos colegas foi realmente muito engraçado. As apresentações foram diversas como tocar violão, sambar, fazer desenhos, cantar, etc. Alguns alunos fizeram uma introdução antes de seus shows, relatando como estavam se sentindo em relação à falta de talento. Por exemplo, a colega Débora relatou detalhadamente que tocava em uma banda de rock; esta informação era falsa e, desta forma, tornou a cena mais engraçada. Já a Bárbara fez uma demonstração da maneira correta ao colocar uma camisinha (a falta de talento estava no fato de ela ser homossexual). No entanto, o Professor afirmou que ela fez uma cena e não uma apresentação da falta de talento.

Com este show, concluí que humorista de stand up deve sempre se colocar como “ridículo”, assim ele se torna engraçado, objeto do riso. Percebi, ainda, que eu posso e devo ser eu mesma, sem figurino ou personagem. Observei que alguns alunos conseguiram gerar a distorção cômica de forma natural. Esses que se colocaram na zona de desconforto, se apresentaram com mais verdade e tiveram apresentações melhores. Mas, para ser um comediante, além de ser engraçado, é indispensável aparentar naturalidade. A naturalidade nasce do fato de você apresentar-se como você mesmo é, sem a interpretação de personagem. Lins orienta que a:

Naturalidade é algo que seu corpo já internalizou. Através da prática, é possível realizar com naturalidade atos que segundo o senso comum não são naturais. Por exemplo a voz natural de Chris Rock não é aquela gritada e num tom mais alto. Veja ele falando “normalmente” em algum filme ou entrevista. Entretanto ele fala com naturalidade, mesmo com essa voz mais enérgica. (LINS, 2012, p. 158).

O indicado é agir com naturalidade, porém, na minha primeira apresentação no bar CSC, iniciei muito nervosa, e concluí que a apresentação não foi das melhores. Analisando o meu desempenho, observei que acrescentei palavras, não mencionei as que eram importantes para o desenvolvimento do número, acredito que devido à adrenalina e o nervosismo. Fiz a apresentação ficar sem ritmo. Os setups não foram apresentados de uma forma clara. O preparo para o punch foi longo e isso fez com que a expectativa da plateia se dispersasse. Os punches, muitas vezes, nem apareceram. Lins declara que:

O problema de setups longos pode persistir por um bom tempo. Já vi comediantes que vão acertando suas piadas apenas no palco. Após várias apresentações, o texto fica ótimo, mas ao fazerem um set novo de piadas o problema volta aparecer, pois embora ele tenha sido superado não foi de forma consciente. (LINS, 2012, p. 69).

O processo de ajuste de um número pode levar semanas ou meses. Após as apresentações, o comediante tem oportunidade de lapidar sua distorção cômica. O retorno da plateia pode oferecer informações que vão indicar se a distorção cômica é boa ou não. Cada comediante terá dificuldades distintas. Entretanto, existe a dificuldade que é inevitável, a de não passar da criação e readaptação do texto. Lins recomenda:

Após anos de carreira e se tornar um veterano, seu desafio será manter algumas características de iniciante. É importante não perder a empolgação de escrever um novo texto, a vontade de contar piadas inéditas, o medo e a excitação diante da imprevisibilidade do resultado de um novo punch line. (LINS, 2014, p. 128).

O comediante precisa encontrar as palavras certas para desenvolver o texto, desta maneira, a distorção cômica será natural. Os verbos que despertam a ação são excelentes escolhas. Muitas vezes a troca de uma palavra pelo seu sinônimo possibilita várias interpretações, por isso, comediante deve testar diversas palavras para escolher a que melhor se encaixa para passar o sentido. As palavras são as responsáveis pelas conexões e imagens na cabeça do público.

O iniciante pode possuir alguns vícios de palco. Os vícios mais comuns são os verbais e os físicos. Os vícios verbais podem ser palavras como “pois é”, “tipo assim”, “fazer o que”, “que merda”, “ah, vai se foder” e outros. Existem os vícios físicos como utilizar o pedestal para se apoiar, segurar o fio do microfone, andar de um lado para outro, olhar para o teto, etc. Esses vícios, na maioria das vezes, servem de muleta quando uma distorção cômica não funciona, ou é necessário um tempo para lembrar o próximo tópico. O importante é utilizar as técnicas de exercícios de concentração para conter esses vícios durante a apresentação.

### 3.2 CONVERSAS CONSTRUTIVAS

Milena Moraes e Daniel Olivetto foram atores do Teatro de Quinta, show de humor que surgiu em 2004, com apresentações regulares até 2011. Inicialmente, composto por atores

formados na UDESC em Artes Cênicas, o grupo já teve diversas formações. Em dezembro de 2014, Teatro de Quinta reuniu em uma apresentação os atores Monica Siedler, Grazi Meyer, André Silveira, Igor Lima, Malcon Bauer e Milena Moraes, revivendo os seus respectivos personagens: Lorelei, uma tirolesa que desafia a morte, Janeide, a faxineira, Cleosvaldo, cobrador de ônibus, Malaco da Costeira, Irmã Frida, uma freira alemã e a Heide, uma atendente de check-in.

Milena Moraes e Daniel Olivetto, que devido habilidades que adquiriram nos shows de humor, passaram a fazer stand up em bares da capital de Florianópolis. Relataram em uma entrevista, que chamarei de conversa construtiva, cedida para a disciplina de Laboratório de stand up, em 2013, suas maneiras de elaboração de um texto de stand up comedy e como era o processo de criação dos atores.

**Fábio Salvatti:** Eu gostaria que você falasse um pouco de como é a construção do texto? De onde vocês partem para elaborar as premissas?

**Daniel Olivetto:** Eu começo a trabalhar com os assuntos do cotidiano. Penso do que as pessoas riem de mim. Iniciava meu texto contando sobre a minha experiência de ser ator de teatro infantil. Porém em alguns tópicos o ponto de vista não era meu. Eu inicio meus textos pela escrita, e depois de várias leituras eu escolho a ordem das piadas no texto.

**Milena Moraes:** Preocupo-me mais com a performance do que o texto. Stand up não permite personagem. O que importa é o que você pensa. Eu não faço o agressivo. O comediante tem que acreditar e dizer a verdade. A elaboração dos meus textos, se dão a partir de tópicos cômicos.

**Qual a visão do stand up para vocês?**

**Olivetto:** Quando vejo apresentações de stand up, é como se estivesse vendo um depoimento. Como se você estivesse tirando sarro de si mesmo.

**Moraes:** Dizem que mulher não foi criada para fazer piada. Exemplo: mulher bonita e gostosa como eu. Isso é grotesco e é um absurdo, por este motivo, existem muitas dificuldades para as mulheres que fazem comédia.

**E como vai ser o futuro do stand up?**

**Moraes:** Hoje em dia, os comediantes estão banalizando, porque tem um monte de gente fazendo apresentações sem nenhum ensaio e isso faz com que o gênero se perca.

**Olivetto:** É impressionante como os comediantes vão ficando mecânicos e sem estilo por causa das imitações baratas.

Observamos que o stand up mostra-se diferente entre outros gêneros cômicos, por este motivo sua construção não segue uma fórmula definida, cada comediante parte de uma

premissa que surge de um simples ponto de vista. Oliveto extrai do cotidiano seus pontos de partida, descrevendo suas experiências particulares, de onde inicia seu texto explorando suas características físicas. Ele elabora o texto como matemática, levando em consideração as ordens de seus tópicos, ou seja, segue a sequência dos tópicos que menos causa impacto para o mais forte. Para ele o bom comediante deve se colocar na posição do ridículo.

Já Moraes tem a preocupação com sua performance no palco, escreve seu texto cômico através de tópicos, relacionando dicas dos tópicos que, muitas vezes, são feitos momentaneamente. Ela afirma que há uma escassez de mulheres apresentando este novo gênero, diz também que as mulheres possuem capacidade para se igualar aos homens neste tipo de humor.

Ambos concordam que há inúmeros comediantes fazendo stand up sem nenhuma qualificação, realizando apresentações por baixos valores e fazendo com que a carreira dos humoristas desvalorize, por esta falta de cuidado. Relataram que a internet é a maior divulgadora de seus trabalhos e, este meio de comunicação imediata auxilia na construção da carreira dos comediantes deste novo gênero de humor.

Com esta pesquisa pude perceber que o stand up, cresce a cada dia, o número de comediantes bons ou ruins também, porém, só vão permanecer os comediantes que se dedicarem a está carreira de forma minuciosa, pois o bom comediante precisa ser atento a todos os acontecimentos do cotidiano, nunca para de escrever tópicos cômicos e sempre avaliar o seu material trabalho mostrando para os outros, sua visão sobre o mundo.

#### 4 CRIANDO UM NÚMERO

A duração usual de um número de stand up geralmente é de sessenta minutos. Este tempo é dividido em partes que, na falta de tradução adequada, chamar-se-á de bits (*tempo de duração d uma piada*). Cada bit dura entre cinco e dez minutos, e é uma unidade composta por uma premissa acompanhada do setup (ou desenvolvimento) e uma ou mais punches. É a partir da premissa que o comediante constrói o bit. Diante da escolha da premissa o comediante deve pensar em como chegar à distorção cômica. Premissas são afirmações, verdadeiras ou não, opinativas ou não, polêmicas ou não, absurdas ou não, sobre as quais será composto o bit. Uma boa premissa tem o mérito de estabelecer com o público uma conexão direta, seja uma curiosidade, uma empatia, ou uma discordância. Ela pode ser encontrada em qualquer lugar, andando de ônibus, no cinema, supermercado, nas ruas, ou seja, não há limites para essa escolha, desde que seja um olhar sincero do comediante sobre o cotidiano. Lins diz que você pode falar de qualquer coisa, desde que faça sentido para você e que esteja de acordo com seu ponto de vista e sua realidade (LINS, 2012, p. 43).

O comediante tem que estar à vontade para transmitir seu ponto de vista sobre o tema escolhido, por exemplo, “Todo homem baixinho mente no relacionamento”, ou “Pão de pobre sempre cai com a manteiga virada para baixo”. Estas frases são como gatilhos, elas “disparam” o bit. A partir daí, estabelecida a premissa, parte-se para o setup. Nele, a premissa inicial é desenvolvida, são acrescentadas informações. Por fim, vem o punch, que é a frase ou a ação que atinge o espectador para arrancar sua risada. Lins resume a relação entre setup e punch da seguinte forma:

O setup deve conter a informação necessária para viabilizar a existência e o impacto do punch, que consiste na parte da piada diretamente responsável pelo riso. O punch podem ser de dois tipos: o revelador e o confirmador. E os punch que fazem sentido, terminam como o final confirmador. Há várias piadas onde o público já sabe o que vai acontecer, e mesmo assim na hora que acontece, eles riem. (LINS, 2012, p. 37).

Diversos comediantes utilizam o final confirmador para finalizar seus punchs. Para os punchs que são formados com final revelador, pode-se observar um ponto de vista, que corresponde à categoria do não faz sentido, este tem um clímax com final de surpresa, porque, mesmo que o setup leve o público em uma direção, o punch carrega para outra. Lins apresenta diversos setups e punchs em seus livros, de acordo com a categoria do não faz sentido. Analisei uma distorção cômica que pode esclarecer melhor:

"A rosa encontrou a couve-flor e disse: Que petulância te chamarem de flor! Veja sua pele áspera e a minha lisa e sedosa.. Seu cheiro desagradável e meu perfume sensual e envolvente. Veja se corpo grosseiro e o meu delicado e elegante.... Eu. Sim, sou uma flor! E a couve-flor respondeu: de que adianta ser tão linda se ninguém te come!" (Autor desconhecido apud LINS, 2012, p. 36).

Segundo Lins (2014, p.31), "o punch pode ser uma simples palavra, uma frase, ou até mesmo um gesto". Tanto o setup quanto o punch precisam ser apresentados com economia, clareza e acessibilidade. As palavras em excesso devem ser cortadas para manter o ritmo do número.

Analisando a estrutura do stand up, é possível observar que as três partes que o compõe precisam de atenção específica, já que exigem diferentes habilidades do comediante. Uma boa premissa não é garantia de uma boa punch line.

Em cada bit estão organizadas ideias, reflexões e o ponto de vista do comediante, articulados através da distorção cômica. Sobre este trabalho predominante textual (ou racional) podem ser acrescentadas referências emocionais que também conduzem ao riso.

#### 4.1 TÉCNICAS PARA DESENVOLVIMENTO CÔMICO

O primeiro passo para se tornar um comediante é a escrita. O comediante deve manter o hábito da escrita para criar e desenvolver seus tópicos. Esta prática ajuda a encontrar o caminho mais rápido para construir as conexões cômicas. Os iniciantes precisam de práticas diárias para adquirir habilidades que um humorista experiente possui para construir seu número. Existem inúmeros exercícios apresentados por Judy Carter, Robert Plutchik, Léo Lins e outros, que auxiliam nesta construção. Porém, neste trabalho, vou apresentar apenas os exercícios organizados por Lins. Os exercícios que facilitam a elaboração do texto são chamados pelo autor de técnicas. Lins descreve que:

Analisando o processo mental durante o processo de criação de uma piada, é possível detectar procedimentos-padrão, como questionamentos sobre o tópico e tentativa de estabelecer paralelos como outros assuntos. Esses exercícios mentais responsáveis pela chamada criatividade podem ser transcritos para o papel. O comediante que nunca passou por esse processo mecânico ao criar uma piada, preferindo deixar sua criatividade dar contado recado, na verdade realizou essa atividade automaticamente de forma inconsciente. (LINS, 2014, p. 10).

O autor descreve que mesmo sem observar o comediante passou por um processo técnico de criação. Este processo inconsciente pode ser praticado com o auxílio de exercícios nos quais Lins apresenta um modo de organizar e desenvolver um bit através do “método das atitudes”. Segundo ele, cada tópico ou tema receberia uma atitude “comum” ou “apropriada”. A orientação do autor é que se faça uma inversão destas atitudes. Lins conclui na sequência que todas as atitudes em relação a um determinado tópico podem ser enquadradas em cinco categorias: vantagens, desvantagens, "faz sentido", "não faz sentido" e sinais. Por exemplo, se pegarmos um tópico como a doença de Alzheimer, de Murilo Couto seria possível encontrar vantagens em se ter esta doença? “Pra mim a melhor doença do velho é o Alzheimer. O médico fala. 'Você está com alzheimer'. 'Ihhh, ai meu Deus [com expressão de preocupado]... ' 'Oi [expressão de calmo]!... Já foi”. COUTO (2011 apud LINS, 2014, p. 51).

Lins complementa que a mesma piada poderia ser desenvolvida com a atitude de inveja:

Eu tenho diabetes[Novo *setup*]. Tem que ficar tomando injeção, medindo glicose... É um saco. Eu tenho inveja de quem tem Alzheimer, essa é a melhor doença de velho [mesmo *punch line*]! O médico fala: 'Você está com Alzheimer'. 'Ihhh, ai meu Deus[com expressão de preocupado]..' 'Oi [expressão de calmo]!...Já foi. COUTO (2011 apud LINS, 2014, p. 51).

Uma situação supostamente negativa torna-se risível quando distorcida através de seus pontos vantajosos. De modo inverso, uma situação boa torna-se cômica quando olhada sob seus aspectos desvantajosos. Em relação à vantagem/desvantagem, quanto maior a distorção cômica da realidade, mais forte será o impacto do punch.

As categorias “faz sentido” e “não faz sentido” dependem da lógica estabelecida com o tópico em questão. O exemplo de Lins é ilustrativo:

Mal de Alzheimer... Porque colocar 'mal' ali na frente?! Existe algum 'bem' de Alzheimer?! 'Ih, rapaz, eu tô com bem de Alzheimer.' 'o que é isso?' 'Só esqueço de pagar as contas! E ninguém pode cobrar, é uma beleza de doença.' COUTO ([2011?] apud LINS, 2014, p.54).

Os desenvolvimentos que não fazem sentido são suposições óbvias que ao serem ditas distorcidas tornam-se cômicas. Em uma cerimônia de casamento, todos os presentes sabem que os noivos estão participando de ritual da igreja católica, onde os dois estão dispostos a se casarem. Fernando Caruso elaborou um tópico que humoriza este ritual:

O casal está no altar e o padre pergunta: 'Você aceita fulana para ser sua esposa?'... que, convenhamos, é uma pergunta meio idiota para esse momento. 'Você aceita esta mulher para ser sua esposa?'... 'Hummm, deixa eu pensar.. Eu aluguei esta igreja, convidei todas essas pessoas, aluguei flores, estou pagando uma festa, estou pagando VOCÊ... Mas agora que me perguntou, hummmm..' Devia se liberado responder 'dãã'. 'Você aceita fulana para ser sua esposa?' 'Dã.' 'E você aceita beltrano para ser

marido?' 'Dã'. Eu vos declaro marido e mulher, pode beijar a noiva!... Todo mundo 'Dãããã. CARUSO ([2012?]) apud LINS, 2014, p. 54).

A última categoria de atitudes são os sinais, que podemos interpretar como "motivos". A descrição dos sinais são acontecimentos que ocorrem por chamada força da natureza. “Você sabe que está velho quando as pelancas começam a cair”, “O dia vai ser longo, quando começa a dar tudo errado” ou “a fulana era tão gorda, mas tão gorda, que quando ela fez um ménage os dois caras que transaram com ela não chegaram a se conhecer.” (LINS, 2014, p. 56). Os sinais são palavras que descrevem o motivo de um determinado fato ocorrer.

Lins comenta que com a utilização da técnica do ponto de vista, é possível analisar todos os ângulos, ampliando a possibilidade de distorção cômica. A premissa “Por que eu não sou magra?” pode ser analisada por diferentes ângulos, pela pessoa que não consegue emagrecer, pela família, pelos amigos, pelo alimento ou até mesmo pelo garçom do restaurante. Qualquer um desses assuntos possui mais de um ponto de vista a ser desenvolvido.

Já a técnica de associação é uma das mais importantes, porque pode ser inserida em todas as demais. Composta pelo senso comum, ela compara as coisas cotidianas para destacar as diferenças entre os pontos de vistas. Lins menciona que:

A técnica da associação lhe dá um mapa que auxilia a explorar um assunto. Se você vai escrever piadas sobre academia, então pense: o que é senso comum em relação à academia? O que é coletivamente associado nesse meio? Basta escrever tudo o que vier em sua mente sobre esse tópico “academia”, não tente pensar em coisas engraçadas, simplesmente escreva palavras ou fatos. Algumas podem lhe render uma piada instantaneamente, enquanto outros podem não servir para nada. Algumas das palavras podem ser: exercícios, queimar gordura, ficar em forma, abdômen com quadradinhos, personal trainer, pegar peso, homens bombados, mulheres que parecem homens, mulheres gostosas, caras sarados, obesos que querem emagrecer, esteiras, músicas de baladas, aulas de spinning, aulas de luta, professores animados, anabolizantes, pessoas que só vão pra conversar. (LINS, 2014, p. 64).

O autor indica que o comediante utiliza o senso comum para construir seu texto cômico, porém o humorista deve ter o cuidado para não associar tudo que ele deseja, pois o que é senso comum para alguns, pode não ser para outros. O humorista de stand up tem que ter a capacidade de explorar o tema de acordo com sua visão do mundo, fazendo com que a plateia se identifique com os assuntos a serem abordados. Lins esclarece que nem tudo que está associado é senso comum, mas tudo que é senso comum sobre o assunto estará automaticamente associado. (LINS, 2014, p. 65).

Lins relacionou algumas perguntas que facilitam a construção cômica de um bit. Para utilizá-la, basta agregar aos tópicos as seguintes palavras: “o que”, “quem”, “quando”, “como”, “onde” e “por quê”. Estas perguntas devem ser respondidas sem certa lógica entre

elas, o indicado é que suas respostas sejam escritas assim que surgirem na mente do comediante. O ideal é que cada pergunta tenha no mínimo 11 respostas cada. A combinação de respostas pode lhe proporcionar um desenvolvimento cômico.

#### 4.2 FORMAS DE DISTORÇÃO CÔMICAS E FIGURAS DA COMÉDIA

A distorção cômica é o efeito fundamental pretendido. É a partir da ligação do cômico e o real que se pode encontrar a distorção cômica. Ela permite moldar a realidade da maneira pretendida, com o auxílio do ponto de vista, analisando um assunto do ângulo desejado. O céu é o limite para as possibilidades que surgem a partir da distorção cômica. Sua função é proporcionar o riso, se isso não ocorrer, algo de errado aconteceu com o preparo do punch. É possível falar com Aristóteles pela internet até simular um diálogo com Horácio e Medeia na academia.

Existem inúmeros exemplos de distorções cômicas, com variedades de desfecho. Os desfechos de um tópico cômico podem ocorrer de duas formas: finais confirmadores e reveladores. Ambos podem ser desenvolvidos pelo exagero, ironia e a comparação, que compõem as figuras de linguagens. Lins afirma que:

Figuras de linguagens são estratégias que o escritor pode aplicar no texto para conseguir determinado efeito na interpretação do leitor. Essas ferramentas não são exclusivas da música ou da literatura. Diversas figuras de linguagem são recursos que permitem distorcer a realidade. (LINS, 2014, p. 70).

O autor fala que não há a necessidade de se aprofundar em todas as figuras de linguagem, pois nem todas atendem ao propósito de desenvolver um tópico cômico. Aquelas que podem ser úteis para o riso, Lins reúne na categoria “figuras da comédia”.

O neologismo é um fenômeno linguístico que serve para a criação de uma expressão ou uma palavra nova, utilizada para construir um texto com palavras novas. Como por exemplo, o texto de Fábio Porchart “Fui ao banheiro no Japão e na privada tem um botão escrito 'bidê'... mas não vi bidê. Apertei o botão e comecei a ouvir um barulhinho... De repente levei um jata d' água na cula... queimei a rosca”. PORCHART ([2013?] apud LINS, 2014, p. 71). Lins descreve que as palavras “jata” e “cula” não existem, mas reforçam o teor cômico da piada. Imagine substituir: “levei uma jata d' água na cula” por “levei um jato de água na bunda” e veja como a piada perde a força. (LINS, 2014, p. 71). Deve-se ter cuidado para manter o significado no contexto do desenvolvimento setup ou punch.

A paronomásia serve para a aproximação de palavras com sons semelhantes, mas com significados distintos, conhecida como trocadilho. É bastante utilizada como recurso

humorístico. Este efeito cômico amplia as possibilidades de distorção cômica, por exemplo, como pode a Beyoncé linda, magra e cheia de dinheiro se sentir triste. Ela tem possibilidades, compra a felicidade... Mas só pensa na sua infelicidade. Que crueldade!.

A ironia é utilizada para construir distorções com o significado contrário. As frases irônicas são as mais usadas nos textos de stand up comedy. Mas é necessário cuidado para não utilizá-la em excesso. Aconteceu em um Festival de Humor de stand up onde o comediante construiu seu texto basicamente com tom irônico. Foi um desastre, pois os tópicos tornaram-se totalmente previsíveis, fazendo a apresentação ficar sem ritmo. O público não teve a excitação de ser surpreendido como deve acontecer com o humor. A utilização da ironia é excelente, porém, não em excesso.

O eufemismo procura suavizar o ponto de vista perante um assunto. É uma ferramenta excelente para você dizer que uma pessoa é feia, gorda, baixinha; serve para evidenciar um defeito de uma forma mais agradável. Um exemplo de construção de Márcio Américo “Eu era tão feio que quando meu pai foi ao cartório me registrar, no meio do caminho ele mudou de ideia e registrou uma queixa contra minha mãe! Segundo ele, eu era uma espécie de atentado ao bom gosto”. AMÉRICO ([2012?] apud LINS, 2014, p. 73). O eufemismo está em “atentado ao bom gosto”, justamente onde está o punch.

A hipérbole é uma maneira de exagerar o ponto de vista. Segundo Lins, talvez o oposto cômico do eufemismo. Enquanto o eufemismo procura suavizar uma expressão, a hipérbole aumenta à nona potência a ideia a ser transmitida. Alguém um pouco baixo tornar-se-á uma pulga; uma pessoa um pouco acima do peso será um planeta. (LINS, 2014, p. 74).

Já a prosopopeia ou personificação é utilizada para atribuir sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos inanimados. Pode-se construir um tópico com essa figura de linguagem para dar vida a objetos inanimados ou animais, fugindo do convencional, através da análise dos pontos de vista por diferentes ângulos.

Gradação ou clímax é expor um assunto de forma gradativa. O comediante descreve seu ponto de vista perante um tema, e à medida que vai sendo desenvolvido, cria uma sequência de palavras de forma crescente. Como “A madrugada é melhor hora de roubar a geladeira, comer tudo sozinho, a quantidade que quer, sem ter que dividir com ninguém”.

Sinestesia pode auxiliar na construção de uma imagem visual aos sentidos como olfato, audição e tato. A junção de algumas palavras transforma as imagens ou sensações na mente do ser humano, e desta a criatividade do comediante por fazer com que o público imagine situações através dos sentidos.

Comparação simples ou analogia é a comparação de dois termos nos quais existem semelhança. Quando colocados dois termos lado a lado, se estabelece um parâmetro onde é possível tornar o ponto de vista mais claro. Segundo Lins, os conectores “igual” e “como” tornam clara a comparação estabelecida. (LINS, 2014, p. 81). Como exemplo, pode-se comparar ônibus e menstruação: “ônibus é igual a menstruação, está sempre atrasado e no dia que não vem, você sabe que se fodeu”. A comparação só acontece porque há semelhanças em ambos universos. Quando um ônibus se atrasa, vai chegar atrasado em seu destino e quando a menstruação atrasa há a possibilidade de estar grávida. É muito comum encontrar esta comparação nas apresentações de stand up, pois é uma técnica fácil de desenvolver uma distorção cômica e acessível para identificação do público.

Onomatopeia é a capacidade de produzir um som, um fonema ou uma palavra. Lins diz que alguns humoristas têm o show pautado na capacidade de reproduzir sons, como Pablo Francisco e Michael Winslow. (LINS, 2014, p. 78). Os sons são utilizados apenas quando são necessários para o desenvolvimento do texto.

As figuras de linguagens têm a função de auxiliar a construção do texto em seu desenvolvimento para chegar à distorção cômica. O indicado é utilizá-las de uma forma moderada e com criatividade. Não existe uma fórmula para construir um número, o comediante tem que atentar aos seus instintos, e escrever inúmeras formas de possibilidades até chegar ao risível. Muitas vezes, uma afirmação direta é o suficiente para o público rir, entretanto, depende da maneira como isso é feito. Os jogos de palavras escondem a informação responsável pela risada até o final. Lins afirma que outro recurso para o jogo de palavra é utilizar sinônimos, antônimos ou parônimos. (LINS, 2014, p. 82). Sinônimos são palavras de sentidos iguais ou aproximados, antônimos de sentido contrário e parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia.

Nos exercícios descritos é permitido escrever qualquer coisa, mesmo que não seja engraçada. Com a prática desses exercícios o comediante terá várias situações que podem auxiliar na construção de bits e com dedicação poderá elaborar um número. Os exercícios podem levar o comediante para situações jamais imaginadas, pois a partir do ponto de vista e a escolha de atitudes, inicia-se um processo de conexões mentais, no qual está contido o elemento-chave para a criação, levando o humorista a desenvolver habilidades essenciais para a comédia. Neste sentido, o comediante deve ter consciência de se colocar em uma zona de desconforto. A partir desse desconforto é que surgem possibilidades geradoras de criatividade para o humorista. Lins pontua que o comediante é um artista e cabe ao artista se colocar fora de sua zona de conforto. (LINS, 2014, p. 126).

### 4.3 TEXTO DE STAND UP COMEDY

Para elaborar este texto de stand up, resolvi dividi-lo em três partes onde na primeira parte falarei sobre as dificuldades de fazer um trabalho de conclusão de curso e da experiência em apresentar um tcc, logo falo de situação que passei, passou e deixarei de passar apenas no dia que eu me tornar magra. E para finalizar falo sobre com é maravilhoso ser negra e como me sinto feliz em ser afrodescendente.

Os exercícios que utilizei foram os da vantagem de ser negra, quais os pontos positivos de mais melanina de que as outras raças, utilizei as técnicas de sinais para a construção de tópicos cômicos referente as características de está acima do peso.

#### Por que eu não sou magra?

Vocês não sabem o trabalho que tive para fazer esse TCC. Durante quatro anos fiquei imaginando este momento. E agora eu estou aqui, eu sei o que um criminoso sente em seu julgamento, porque estou me sentindo em um júri popular.

Mas hoje vim falar de coisa boa. De mim...

Eu sou dona de um corpo redundante, o que é impossível não ter notado. E é por isso, é porque eu não sou magra. Para quem não entendeu, eu sou gorda. E não gordinha, cheinha, fofinha. E vocês, acham que eu ligo de ser gorda? É claro que sim. Existem pessoas com problemas de aceitação. Por exemplo, eu tenho uma prima que é gorda e toda vez que vamos sair, ela me pergunta: “Gika eu tô muito gorda?” “Prima você não tá gorda, você é gorda”.

Existem vários tipos de gordo, o gordo que se aceita do jeito que é, o gordo que é hipocondríaco e o gordo que tem problemas de hipertireoidismo. E eu sou a junção de todos eles.

Eu como todo gordo, sei o meu limite. O final do prato.

Eu sei várias dicas para emagrecer, mas nunca faço.

Eu quero ser magra; é a balança que não quer que eu seja.

E para algumas pessoas os limites do corpo expandem. Hoje em dia a sociedade está cruel com as pessoas acima do peso. E para mim o IMC devia se chamar: I- inveja das M- Mulheres que podem C- Comer de tudo.

Uma pesquisa revelou que quase 70% da população brasileira está acima do peso. E quanto menor a escolaridade, mais gordo a pessoa é. Isso quer dizer que pessoas inteligentes, mestradas, doutoradas como vocês jamais serão obesas.

E pessoas inteligentes devem colocar na balança o preconceito, temos que lutar contra isso com bom humor. Porque não importa o tamanho que você ocupa no espaço e muito menos a cor da sua pele, da qual eu tenho orgulho e não tenho vergonha de dizer, sou negra e como muita melanina.

E essa luta não vem de hoje não, na época da escravidão nos EUA, o negro liberto ganhava um pedaço de terra do seu senhoril para tirar seu próprio sustento. No Brasil, esperamos 124 anos para ser recompensados com um excelente benefício: as cotas de negros para universidade e concursos públicos e ainda somos discriminados.

E ser negra é maravilha, muitos dizem que quando acontece alguma coisa de errado, é coisa de negro. Porque quando acontece isso é a prova que algum idiota tem problemas de aceitação em ser burro.

E aceitar ser negra tem suas vantagens.

O negro já nasce sambando e se for esperto pode economizar muito dinheiro. No verão, sobra mais dinheiro para comprar cerveja, porque não preciso gastar com bronzeador.

E não precisa fazer implante de silicone nos peitos, bunda e muito menos aplicar botox nos lábios. E a prova disso é a minha avó com 93 anos magra e não tem pé de galinha.

Bom, já falei demais, agora tenho que ir ao Assim Assado, porque esse desgaste emocional me deu uma fome!!!

#### 4.4 ESCOLHA DO TEMA

Escolhi abordar os temas obesidade e vantagens de ser afrodescendente, porque são assuntos que considero importantes e fazem parte do meu cotidiano. A obesidade é considerada uma doença crônica de difícil tratamento, que vem afetando crianças, adolescentes e adultos, atingindo os países em desenvolvimento, assim como os de primeiro mundo. Decidi falar sobre esse tema de maneira cômica e destacando algumas das manias de uma pessoa obesa.

A partir de pesquisas realizadas sobre a linguagem do stand up, surgiu os tópicos do texto “Por que não sou magra?” que aborda ambos os temas. E o texto de stand up inicia comentando como me sinto na defesa de um trabalho de conclusão. Em seguida, mencionei o alto índice de pessoas obesas na sociedade e, por fim, apresentei as vantagens de ser negra. O meu desafio é tornar algo que não é agradável e transformar em risível. A premissa “por que eu não sou magra”, tornou mais acessível encontrar elementos para elaborar tópicos cômicos, por ser mais comum entre os comediantes. Mediante a esse desafio, Paiva declara:

Existe uma tênue linha que distingue e confunde o humorista stand up de outros estilos, como o contador de piadas e o “one man show”, gêneros semelhantes, mas que têm outras abordagens, permitindo a interpretação de personagens, músicas e cenas. Primordialmente o humorista stand up não conta piada conhecidas do público. Seu texto é sempre original e quase sempre trata do cotidiano. Também o humorista deste gênero escreve seus textos, edita, atua, interpreta, promove, produz e ainda é o próprio técnico. Tudo isso ao mesmo tempo. (PAIVA, 2014, p. 38).

Optei pela premissa “as vantagens de negra”, para levar a uma reflexão das diferenças e discriminações raciais, pois o tema racismo sempre foi negado dentro da sociedade, como se fosse algo que não existe e que, muitas vezes, vem do próprio negro. Com o presente texto pretendo apontar quais as vantagens de ser negro. Considerando que o preconceito racial está longe de chegar ao fim, procurei utilizar o fato de ser negra para elaborar tópicos cômicos que evidenciam minhas características e personalidade. Existem inúmeros tópicos cômicos sobre o racismo construídos por humoristas que considero absurdos. Por este motivo pensei em tópicos que pretendem ressaltar as vantagens de ser afrodescendente e não apenas nas desvantagens, como, por exemplo, nas apresentações dos comediantes afrodescendentes Marcelo Marrom e Thiago Carmona. Marrom em uma das apresentações do espetáculo o qual faz parte *Preto e Branco*, permite que o comparem com um gorila. Já Thiago Carmona no quadro *Quem chega lá*, do programa da Ana Hickmann, na Record, comparou-se ao urubu. Apesar de ambos produzirem tópicos cômicos, que são engraçados, percebi que há possibilidade de elaborar um texto de stand up, destacando de forma vantajosa os valores e padrões estéticos da raça negra. A grande dificuldade foi construir tópicos referentes ao tema de ser afrodescendente. Apresentei algumas vezes para familiares e, desta forma, foram feitas modificações significativas em relação aos tópicos que poderiam ofender algumas pessoas. Porém existem diversas maneiras de falar a verdade sem ofender. Lins afirma que o stand up é uma forma de humor muito honesta e verdadeira. Segundo Lins:

Você é você, é muito direto e orgânico. É uma pessoa embora tenha várias piadas e situações engraçadas, precisa de um fio condutor, precisa de uma história para segurar a atenção do espectador, do começo ao fim. No stand up, a piada tem um fim em si própria. Você pode estar abordado um assunto e depois ir para outro completamente diferente. (LINS, 2012, p. 155)

O texto a ser apresentado contém apenas dois bits do número de stand up que pretendo dar continuidade com o objetivo de realizar open mic<sup>9</sup> pelo Brasil, até adquirir as qualidades de um humorista profissional.

Em se tratando do universo pelo qual observei e refleti os conceitos do humor do stand up comedy, o mundo e os fatos do meu dia a dia são de onde extrai os elementos que surgiram

---

<sup>9</sup>Oportunidades que comediantes já consagrados dão para iniciantes em bares de apresentações de stand up comedy.

a partir dos meus pontos de vista. Mas a maior preocupação é a maneira que esta informação deve ser transmitida. Com base na elaboração textual, planejei a forma de transmitir as informações para o público.

De fato os tópicos que produzi não são comuns de ser encontrados em texto cômico, mas o meu objetivo é chegar a um texto que faça com que os afrodescendentes sintam orgulho de sua raça. Sei que esta busca será longa e é, por este motivo, que após o término deste trabalho, vou continuar com as pesquisas que são complexas, mas muito prazerosas.

## **5 CONCLUSÃO**

Com base no quadro teórico exposto nesta pesquisa, concluí que o stand up teve seu surgimento na Inglaterra em 1770, no Astley Royal Amphitheatre, considerado o primeiro circo do mundo. Seu formato atual deu-se em meados dos anos 50, onde deixou de ser formado apenas de pequenos monólogos tornando-se textos mais elaborados. Em 1960, o One Man Show semelhante ao stand up, foi utilizado pelos humoristas como Chico Anysio e Jô Soares. Pode-se dizer que o One Man Show ajudou a moldar o estilo do stand up no Brasil, mas só em 2004, que o stand up se consolidou no país e desde então vem lançando novos talentos no território brasileiro.

Outra tendência histórica é em relação ao gênero. A linguagem proporciona uma análise da sociedade através de seus aspectos culturais, apresentando assuntos com amplitude da comicidade, desde que esse assunto seja verdadeiro, mantendo, assim, sua originalidade. Quanto mais popular e original a linguagem do stand up, mais hilária ela será, graças à proximidade de sua linguagem provocando identificação do público.

O humor do stand up é uma forma de enganar a censura e dessa maneira pode proporcionar alívio levando ao risível. Tendo em vista que o humor permite expor todos os temas, Paiva discorre que:

O principal ponto de pesquisa dessa linguagem é o texto autoral, feito pelo próprio comediante com base em suas observações. Seja do cotidiano ou dia a dia, quanto das notícias ou do ambiente em que ainda não foi dito foi uma das principais características que nos levou a instalar o stand up no Brasil. (PAIVA, 2014, p. 38).

Qualquer um pode elaborar tópicos cômicos, porém o trabalho é diário e deve ser feito com dedicação e de forma prazerosa, pois o humor é considerado uma das formas mais cultas de sentir prazer.

Esta investigação e o texto resultante dela foram construídos com uma perspectiva que busca a coerência de uma proposta que visa um processo de criação e um texto cômico. Segundo afirmação de Lins, tudo que é escrito e criado vem de alguém. Parece óbvio, mas não em relação às piadas. Embora o mercado norte-americano reconheça, aprecie e recompense a autoria delas desde o princípio, no Brasil, é muito nova a ideia de que as piadas têm dono e de que um bom comediante deva ser valorizado também por sua capacidade de criar *chistes*<sup>10</sup> originais. (LINS, 2014, P. 07). O autor quer dizer que este processo não é fácil, porém depende do comediante atentar em suas observações e exercitar diariamente para estabelecer uma conexão com a lógica de construção de tópicos de humor. Sendo assim, esta pesquisa tentou contribuir para uma nova forma de pensar sobre a cultura étnica e reafirma que é possível falar sobre afrodescendentes ressaltando suas qualidades. Talvez esses formatos de textos sejam escassos, devido à falta de coragem ou personalidade de humoristas afrodescendentes em acreditarem nos seus ideais.

A comédia sempre me chamou atenção, porém, o humor desse novo gênero me fascina pela maneira que é transmitido, de forma suave e verdadeira desafiando a barreira do teatro e mostrando uma nova visão do mundo menos agressiva e de forma agradável. Durante as apresentações realizadas antes e durante este processo criativo, observei que gosto, de fato, estar em frente ao público e provocar o risível, nem sempre agradei a todos, mas percebi diante do público que a expressão corporal, facial e tom de voz fazem parte da elaboração da piada. A entrega do texto do stand up é distinta das que vemos no teatro tradicional, o ideal é que se valorize tanto a performance quanto o texto. A priori imaginei que tinha o dom para o humor, porém foi preciso desenvolver o talento para comédia a partir de estudos e dedicação. É evidente que comediante e ator são profissões distintas. Lins declara:

Escrever piadas é uma técnica que pode ser melhorada dentro de casa. No improviso é possível se preparar, por exemplo, antecipando possíveis respostas da plateia. Mas, para adquirir experiência nessa habilidade, é necessário praticar no palco. Durante suas primeiras aventuras improvisando há grandes chances de ultrapassar a linha do engraçado e soar agressivo. (LINS, 2014, p. 313).

Cabe salientar que esta pesquisa continuará após a defesa deste trabalho de conclusão, sendo experimentado em diferentes plateias e lugares. O curso de Artes Cênicas contribuiu

---

<sup>10</sup> Propriedade daquilo que tem graça; comicidade; inteligentemente engraçado.

para minha formação como artista, creio que a jornada de um ator é árdua e requer a procedência dos estudos artísticos.

Todo ser humano tem o direito de expressão, para apontar suas inquietações. Por este motivo, observei que o stand up pode ser utilizado para apontar manifestações que estão expostas na sociedade. O preconceito é a supervalorização de uma diferença perante outra. A sociedade se diz não ser preconceituosa, porém existem inúmeros registros de preconceitos de vários tipos todos os dias. O stand up provou que é um gênero que permite abordar todos os temas e que a liberdade de expressão é importante para que exista uma sociedade democrática e que seja sempre valorizada.

O texto transmite uma pequena parte de uma reflexão sobre meus pontos de vista referentes à obesidade e etnia, e foi a partir de algumas apresentações com diferentes plateias que escolhi os tópicos presentes no texto. Mesmo retirando aspectos do cotidiano, o stand up consiste em representar uma determinada situação do ponto de vista particular, que na maioria das vezes causa identificação com a realidade do público. Neste caso com a plateia negra e acima do peso. Percebi que o humor do stand up é composto por uma linguagem de grande potencial para ramificar os acontecimentos que confrontam os modelos sociais existentes em uma sociedade.

Para despertar o riso na plateia é necessário um trabalho árduo e inteligente, e se tratando do humor stand up comedy, o desafio é ainda maior, pois cabe ao comediante realizar diversos testes até que seu texto fique bem e risível. Mesmo que indiretamente todo humorista sofra influências das comédias tradicionais, o stand up possuem características que tonam este novo gênero especial.

Esse memorial é uma pequena parte da pesquisa de tópicos cômicos, serão apresentados apenas cinco minutos de tópicos cômicos, que foi elaborado através de seguimento de componentes, das apresentações em bares, para amigos e familiares, das ajudas e sugestões. Nesta pesquisa percorri diversos caminhos e temas a ser discutido, mas escolhi o que me retirava da zona do desconforto, que me fez pensar em situações jamais imaginadas, talvez poderia ter escolhido tema mais fácil de gerar o cômico, entretanto, o meu pensamento era elaborar um texto no qual eu sinta orgulho de apresentar e que sirva para um pensamento naturalista dos padrões da sociedade.

Este trabalho foi um processo de reflexão pessoal referente aos padrões sociais, que se modificam a cada instante e por este motivo, eu como comediante devo observar onde se encontram as vantagens de ser uma humorista com um papel social politicamente correta, fazendo de sua expressão artística um retrato da sua postura social.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro. **O riso dos outros**. Documentário, Brasil, 2012, Disponível em: [http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/matérias/documentarios/429921-o-riso-dos-outros-\(direcao-pedro-arantes\).html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/matérias/documentarios/429921-o-riso-dos-outros-(direcao-pedro-arantes).html) e/ ou <http://www.youtube.com/watch?=-LTxtEZGp58g>  
Acesso em: 15 ago. 2013.

BASTOS, Rafinha. Agora é tarde. **Revista Trip. São Paulo, 2012**.  
Disponível em <http://portalclick.com.br/portalclik/2013/rafinha-bastos>. Acesso em: 04 set. 2013.

BENDER, Ivo C. **Comédia e Riso uma poética de teatro cômico**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

CARTER, Judy. **The comedy: Bible**. Nova York: Fireside, 2001.

CARUSO, Fernando (Org). **Comédia em pé, o livro**. Rio de Janeiro: Mirabolante, 2009.

DUARTE, Marcelo. **O guia dos curiosos**. 3ª ed. São Paulo: Panda Books, 2005.

GENTILLI, Danilo. **Politicamente incorreto**. São Paulo: Pandas Books, 2010.

LINS, Léo. **Notas de um comediante stand up**. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

\_\_\_\_\_. Léo. **Segredos da comédia stand up**. 1 ed. São Paulo: Panda Books, 2014, p. 320.

MEIRELLES, Maurício. **E se o stand up virasse livro?** São Paulo: Ediouro, 2010.

PAIVA, Guto. **Stand up comedy**: Uma história no mínimo divertida. São Paulo: Jornalismo & Cultura, n. 5, p. 36-49, set. 2014.

SOARES, Fonseca Frederico. A Leitura antropológica pelo humor stand up. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. São Paulo, v. 12, n. 35, p. 480-492, Ago. 2013. ISSN 1676-8965.